

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos (UENF)

elidatuao@hotmail.com

Pedro Lyra (UENF)

pedrowlyra@hotmail.com

Analice de Oliveira Martins (UENF)

analice.martins@terra.com.br

RESUMO

As tecnologias sempre influenciaram o comportamento e os interesses da sociedade. Assim, em determinado momento, a descoberta do papel constituiu-se um artifício revolucionário e garantiu a expansão de conteúdos literários e seu acesso pelas gerações futuras – realidade intensificada com o advento da imprensa. Isso gera um contexto que remete à relação entre o indivíduo de uma determinada época e a tecnologia da qual dispõe, tornando possível a hipótese de que o ciberespaço – enquanto tecnologia do século 21 – pode ser um meio possível para a divulgação literária. Sob essa perspectiva, este trabalho tem por finalidade refletir sobre o papel das novas tecnologias de informação na disseminação de materiais literários, tendo em vista a atuação dos professores de língua portuguesa no que diz respeito ao ensino de literatura e à formação de um público leitor. Constrói-se, desse modo, uma perspectiva interdisciplinar em torno da prática da leitura literária, sendo difícil falar de literatura sem interligá-la à educação, à tecnologia e à comunicação. Para tanto, considerar-se-á que a sociedade informatizada exige do professor uma avaliação concreta de valores e atitudes enquanto educador, incluindo a observação crítica do ciberespaço e a compreensão da dinâmica de uma cultura marcada pela virtualidade e desgarrada das tão necessárias lapidações proporcionadas pela literatura. Dessa forma, o presente estudo transitará por questões ligadas à compreensão do texto e à experiência do leitor nas atividades de leitura. Também serão destacadas as relações entre texto e suporte digital, bem como valores e comportamentos que se originaram a partir do uso constante de recursos digitais que potencializam a comunicação.

Palavras-chave: Tecnologia. Literatura. Educação.

1. Considerações iniciais

Através da escrita, o texto recebeu uma forma de registro capaz de assegurar sua permanência em tempos futuros, sem dependência da transmissão oral característica das contações de história. Especialmente a partir da invenção da imprensa, a função antes atribuída à memória humana é direcionada ao artefato livro – um grande arquivo de informações, histórias, poemas, enfim, escritas e imagens. Há, então, um suporte artificial e material para o texto – não mais a mente humana, o qual se

destaca pelo seu caráter portátil e manuseável. A ação humana para sobrevivência de um texto se tornar indireta: produzido o livro, todo indivíduo letrado tem a autonomia para acessá-lo; a transmissão oral é descartada.

Com a ascensão das tecnologias, o texto ganha novas formas de armazenamento e de difusão, originando possibilidades que oferecem facilidade no acesso à informação e à literatura. Dessa forma, as narrativas podem ser contadas por meio de recursos audiovisuais (como no cinema) ou apenas em áudio (como nas gravações), atribuindo ao texto uma configuração que resgata a oralidade característica dos trovadores.

Inventado o computador, o texto é submetido a outro suporte: a tela. Nesse novo formato, se torna fundamental a memória, contudo, não a humana, mas a eletrônica. Elimina-se a noção de volume tão característica do livro impresso e empregam-se recursos inimagináveis, especialmente com a popularização da internet: vários textos podem ser acessados a partir de cliques em *links*. Enfim, “com a tela substituta do códex, a transformação é mais radical, pois são os modos de organização, de estrutura, de consulta ao suporte do escrito que se modificaram” (CHAR-TIER, 1999, p. 98).

Reconhecendo, então, que as tecnologias influenciaram – e influenciam – o acesso ao texto e deram origem a novos gêneros textuais, torna-se discutível qual o reflexo desse contexto sobre a formação de públicos leitores e qual a função do professor de língua portuguesa nas aulas de leitura.

2. A experiência na leitura

Para um leitor reconhecer a complexidade e a beleza dos textos literários, bem como saber argumentar sobre eles, é necessária a destreza daqueles que praticam a leitura e têm consciência de alguns mecanismos de produção textual que particularizam cada gênero. Por isso, falar da importância da leitura, das “viagens” por ela proporcionadas, de sua “magia” e prazer não se torna a estratégia mais conveniente para seduzir um possível leitor. Como ressalta Azevedo (2001, p. 38), não se comenta que a leitura exige empenho e que o chamado “prazer de ler” é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação. Enfim, é um fazer mais complexo do que se costuma divulgar. É essencial que haja uma maturidade que permite ao leitor o desvendamento dos artifícios que de-

terminam a significância do texto lido.

A literatura possibilita a reflexão sobre os próprios valores e crenças, contribuindo, por isso, para a formação de uma pessoa em todos os aspectos – no desenvolvimento de sua personalidade e de sua capacidade crítica –, mas, como definir um sujeito como leitor sem recair em visões idealizadas?

Conforme Azevedo (2001, p. 38), leitor é simplesmente uma pessoa que sabe usufruir os diferentes gêneros textuais, tipos de livros e suas diferentes linguagens – científica, artística, informativa, técnica, religiosa, entre tantas existentes. Trata-se, portanto, daquele que consegue diferenciar uma obra literária de um texto não literário, mostrando-se capaz de utilizar escritos em seu próprio benefício, seja por motivação estética, seja para receber informações, para ampliar sua visão de mundo e/ou por puro e simples entretenimento.

Normalmente, as escolas tratam a leitura de uma forma bastante limitada e através de atividades obrigatórias de língua da disciplina de Portuguesa, o que limita a exploração textual e o desenvolvimento das competências e habilidades do aluno enquanto leitor.

É imprescindível o conhecimento em torno do gênero textual. Daí o papel do professor em tornar visíveis as características do texto literário, possibilitando, assim, uma compreensão mais ampla a seu respeito. Para tanto, deve-se deixar claro para o aluno que o texto literário não é produto de um “insight” do autor, mas de um processo criativo que envolve emendas, escolhas e supressões de palavras. Perpassa-se a neblina que ofusca a compreensão do texto ou que, ao menos, interfere na verbalização de sensações e impressões que o texto desperta e o aluno não consegue expressar.

Há aqueles que contemplam um texto literário, ainda que não compreendam exatamente o que ele tem a revelar – isso, entretanto, não é o esperado de um leitor maduro. O conhecimento relacionado ao funcionamento interno do texto suscita determinada recepção que está vinculada às perspectivas da estética da recepção, isto é, à “experiência literária do leitor”, na qual, conforme Zilberman (2001, p. 89), “ignora-se a intimidade e as disposições do leitor, mas se reconhece como se realiza o processo de sua leitura, graças ao exame de normas conhecidas por ocasião da produção do texto e da poética imanente do gênero”.

A literatura precisa ser compreendida como uma obra singular do-

tada de marcadores de literariedade, um recorte do real sintetizado e interpretado pela sensibilidade do poeta, manifestando, no fictício e na fantasia, pontos de vista sobre o mundo, que podem ser interpretados de vários modos – razão por que, como defendiam os românticos, não se pode reduzir a literatura a um receituário.

Em um poema, por exemplo, a construção dos versos, a escolha de palavras, as rimas, a metrificacão, as figuras de linguagem, enfim, os recursos expressivos utilizados com a finalidade de tornar esse texto um material literário só atingirá tal objetivo se o leitor tiver sensibilidade e conhecimentos suficientes que o permita perceber que a palavra se transformou em matéria-prima da arte. Essa percepção normalmente é intensificada pelo conhecimento do processo criativo e suas nuances, o que tornará visível a razão pela qual se gostou ou não daquilo que leu. Isso fará com que o leitor tenha uma opinião crítica da leitura feita, autenticando seu papel ativo – não mais passivo – diante do texto:

A autonomia do leitor, no âmbito dos estudos literários, demorou a aparecer, mas se evidencia quando a sociedade, como um todo, se mobiliza para se posicionar relativamente à questão da leitura e do livro. Graças a esse esforço, o leitor alcança o estatuto de proprietário [...]. Com isso, equipara-se ao autor, até então detentor único dos direitos sobre a criação artística; e, quando isso acontece, faculta-se a permissividade, e o leitor pode intervir, invadindo o que lhe estava vetado (ZILBERMAN, 2001, p. 103).

A atividade de leitura aciona alguns mecanismos que podem se tornar obstáculos para um indivíduo que não tem o hábito de ler, ou seja, um leitor inexperiente na compreensão dos gêneros textuais. Muito simples dizer que é importante ler, mas cativar o leitor de modo que ele conclua a existência de tal importância e dedique-se a ela é algo mais trabalhoso, especialmente neste século em que a informação e seu imediatismo parecem superar a construção sólida do conhecimento. Assim, o papel do professor enquanto mediador do diálogo entre texto literário e leitor é crucial na formação de um público leitor, especialmente, com a crescente expansão do suporte digital.

3. *Texto e suporte: o impresso e o digital*

A produção cultural contemporânea disponibiliza aos leitores o contato com o texto literário a partir de suportes impressos e de mecanismos digitais: lê-se no livro ou na tela. Não há propriamente a substituição de um suporte por outro, mas a coexistência de ambos, cada qual com sua textualidade ou hipertextualidade. Desse modo, “a edição digital

liberta o texto de sua relação com o livro. Este, a partir de então, não determina mais aquele. O texto existe fora do seu suporte material” (CLÉMENT, 2003, p. 30).

A leitura na tela é interativa e permite ao leitor uma liberdade desmedida. Enquanto no impresso há normalmente uma ordem de leitura fixa, linear, o ciberespaço autoriza o leitor a dar a sua linearidade ao texto lido:

O leitor da leitura na Internet encarna o papel do detetive auditivo que lê as pistas do hipertexto, que segue as linhas e que estabelece uma relação plausível entre os vários seguimentos do texto. Em vez de seguir apenas os *links* fornecidos, o leitor-detetive também tem de procurar e encontrar os *missing links*. Não pode confiar. Na estrutura linear do link do hipertexto, tem de decifrar a ligação secreta, as estratégias discursivas e restabelecer a ligação temática das presunções auditivas a partir do tópico, servindo-se do seu instinto de detetive. A audição alcançada sobre uma trama labiríntico/risomática do nosso saber universal enciclopédico visa a uma ordem das coisas provisória e hipotética (VILLAÇA, 2002, p. 109).

Há tempo que os textos impressos fazem o uso de notas de rodapé e de palavras remissivas, as quais requerem conhecimentos extratextuais e implicam uma atividade de busca por parte do leitor – estas não seriam evidências da hipertextualidade?

Na evolução do suporte textual, o rolo persistiu por longo tempo, sendo um dispositivo de leitura que, pelo seu formato, reproduzia a linearidade da fala. Com a implantação de um novo suporte, o códex, com suas folhas reunidas em caderno, a disposição do texto sobre o papel sofre uma fragmentação recorrente da distribuição do texto em páginas.

Mesmo sobre o papel, escritores e compositores contemporâneos não se desvinculam das experiências virtuais e utilizam o vocabulário oriundo das conexões em rede para produzir textos, entre os quais é possível citar fábulas, poemas e músicas. Assim, Sérgio Capparelli (1996, p. 52) recria conceitos e compõe a Fábula Virtual:

Um ratinho virtual vinha por uma floresta de signos. Perto de uma caverna, avistou um leão, desses grandes, ameaçadores, desenhados em programas coloridos, bem modernos. – Vou te devorar – disse o leão. – E não adianta disfarce de ratinho virtual, cibernético ou seja lá o que for. – Não faz isso – suplicou o ratinho. – Por que, se sou o leão? – Não sou compatível. – Ah – rugiu leão – essa é boa. Vou te processar no meu texto. Mas eu acordei de bom humor, perdoou tua arrogância. – Arrogância? [...]

Do mesmo modo, Sérgio Capparelli (1996, p. 8) inova o conceito de poemas com a criação de *ciberpoemas* e da interação do leitor – espe-

cialmente a criança – com o texto, à medida que a sociedade amplia as suas potencialidades tecnológicas. É por meio de sítios na *internet* que autores estreitam laços com possíveis leitores:

Bits

Vem, amor,
mata essa minha fome de
chips,
devips, de bips,
e de bytes.

Mata essa minha fome
de ais.

Na música, o comportamento *online* também é motivo de destaque:

Pela Internet

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada

Um barco que veleje
Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá

Ao porto de um disquete de um micro em Taipé
Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá

[...]

(GIL, Gilberto, acesso em 29 out.2012).

A internet oferece novos materiais de leitura carregados de possibilidades de difusão e manipulação que estabelecem entre leitor e texto uma relação, na qual quem lê também pode ser coautor do texto lido.

Isso pode ser assegurado por meio de alguns sítios na internet, tais como www.angela-lago.com.br e www.capparelli.com.br. Em vez de livro, um oceano de *links* para o “leitor-navegador” desbravar usando sua bússola interna. O texto já não é o mesmo, sequer a leitura mantém qualquer sequência definida: “Com a tela, substituta do códex, a transformação é mais radical, pois são os modos de organização, de estruturação, de consulta ao suporte do escrito que se modificam” (CHARTIER, 1994, p. 98).

Há casos em que ocorre apenas a reprodução fiel do original por meio da digitalização, a qual confere um novo modo de manipulação ao “objeto-livro” mencionado por Clément (2003, p. 29).

Enfim, não é mais o autor quem determina a ordem em que o texto deve ser lido, mas o leitor. Mesmo depois que decide que texto ou livro ler, parte do leitor a decisão sobre o que ler primeiro e como ler, sem propriamente comprometer a leitura em curso: “Presencial, efêmero, em mutação, o hipertexto tende a permitir uma evanescência do autor e uma incorporação do leitor [...] A leitura deixa de ser um acto passivo para passar a ser um acto de decisão e como tal decisivo” (BABO, 2003, p. 109).

4. *Novas tecnologias: novos valores, novos comportamentos*

Há dois séculos, a literatura desempenhava um papel significativo no meio social. O homem burguês detinha uma ideia bastante responsável em torno do texto literário, para quem horas passadas diante de um bom livro correspondiam a momentos prazerosos, em que a fruição e o conhecimento eram o objetivo maior. Na verdade, aquele que estivesse bem inteirado das publicações literárias assumia o status ambicionado por todo jovem que pretendesse acompanhar as evoluções de seu tempo.

Contudo, no século XXI, o que importa são as leituras rápidas. O sujeito, agora, é digital, está diretamente relacionado às informações instantâneas e mutáveis, tanto que não só o objeto livro quanto o conteúdo literatura enfrentam dificuldades de crescimento. Enquanto o texto literário oferece uma linguagem polissêmica, as redes sociais digitais permitem o instantâneo e breve, de modo bem compatível com o cidadão deste século e as necessidades dele decorrentes. Se por um lado esse comportamento induz ao otimismo, devido à facilidade de acesso às informações, por outro, acarreta um excesso de informação que pode se converter em danos:

A divisão da atenção exigida pela multimídia estressa ainda mais nossas capacidades cognitivas, diminuindo nossa aprendizagem e enfraquecendo nossa compreensão. Quando se trata de suprir a mente com a matéria-prima do pensamento, mais pode ser menos (CARR, 2011, p. 50).

O sujeito contemporâneo dispensa tempo à leitura e, até mesmo, à produção textual, afinal, a escrita é uma atividade histórica e necessária ao homem. Contudo, os interesses são outros. Não se busca uma leitura que provoque reações que vão do prazer emocional ao intelectual: a ten-

dência atual está relacionada a uma leitura rasa e a uma escrita extremamente particular, tanto que gramáticas são recriadas – sem nenhuma preocupação com a norma culta. É a linguagem do *internetês* sobrepondo-se a consagradas gramáticas. São os diários abertos do *Facebook*, do *Orkut*, do *MSN*, dos *Blogs*, entre outros, que podem ser produzidos por qualquer internauta sem o risco de lhe faltar tempo, dinheiro ou material para isso – a popularização da internet e sua democratização tornam-na cada vez mais acessível e necessária.

Em vez de encontrar os amigos num shopping, opta-se pelo dedilhar no teclado ou pelo leve deslizar do dedo indicador sob a tela de um celular ou de um *tablet*. Em vez de um amigo, encontram-se, ao mesmo tempo, vários de – e em – lugares distintos. O que antes equivalia apenas a uma conversa descontraída agora vai além: os sujeitos dialogam; compartilham mensagens, fotos, curiosidades e situações banais do dia a dia, mas que, nesse espaço, tornam-se singulares e, mesmo não proporcionando uma fruição propriamente dita, criam uma atmosfera de bem-estar para os seguidores da *net* – até mesmo as boas gargalhadas das rodas de conversa têm seu espaço no universo digital³. Há quem se conecta, liga a *web cam* e confraterniza com os amigos que, por algum motivo – ou nenhum – não podem estar no mesmo lugar para se encontrar.

Na verdade, o que nem sempre se percebe é que a sociedade sempre passou por constantes mudanças, conforme o surgimento de tecnologias mais avançadas que transformavam o jeito de ser das pessoas. Interesses foram alterados, textos foram produzidos e, por conseguinte, um público leitor também particular se formou.

No Romantismo, por exemplo, com a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, questionou-se o processo de alienação ao qual teria de sujeitar-se o indivíduo ao aceitar as novas formas de vida impostas pelas mudanças sociais. Assim, externa-se a reação dos artistas aos valores éticos e intelectuais da época: em vez de razão, apresenta-se o sentimento; da ciência, a arte e a poesia; no lugar da objetividade, a subjetividade.

Diante do contexto atual, não seria este o momento de uma nova indagação em torno da alienação que a sociedade tem sofrido por conta dos meios de comunicação de massa? Qual o verdadeiro papel das informações pensadas, concluídas e transmitidas de forma sedutora e eficaz por meio dos sistemas audiovisuais de comunicação? Ou, ainda, haveria algum benefício real a ser transmitido pelo implacável desejo de alcançar alguns minutos – ou seriam segundos – de fama ao tornar pública a vida

particular por meio das redes sociais digitais e dos programas de TV?

É certo pensar que a dinâmica de uma sociedade é resultante de seu contexto histórico e do surgimento de novas tecnologias. Tanto é que a literatura nacional se desenvolveu de forma mais consistente somente com a mudança da Coroa Portuguesa para o Brasil, em 1808, elevando a colônia à categoria de Reino Unido – isso impulsionou um grande avanço cultural, marcado pela criação de nível superior, pela fundação de museus, bibliotecas públicas, de tipografia e de uma imprensa regular. Esse cenário dinamizou a vida cultural da colônia Brasil e propiciou o surgimento de um público leitor, ainda que, inicialmente, de jornais, o que ofereceu condições necessárias para o surgimento de uma produção literária mais consistente do que as manifestações relativas ao século XVII e XVIII.

Do impresso ao digital, o essencial é saber utilizar as tecnologias e, no caso da literatura, tomá-las como meios de expansão. Foi exatamente isso que escritores românticos fizeram durante o século XIX, ao incluir a literatura nos jornais, dando origem ao folhetim.

Nesse período, o público consumidor da literatura romântica era eminentemente formado pela burguesia, que não estabelecia reciprocidade com as exigências da arte clássica. Uma classe social de origem popular como os burgueses não compreendia uma literatura cujo entendimento requeria conhecimentos das culturas grega e latina. Preocupando-se, então, com esse novo público leitor, floresceu o romance romântico, que, no caso da realidade brasileira, representou o principal instrumento de expansão da identidade nacional, de suas raízes históricas, linguísticas e culturais.

Foi relatando acontecimentos da vida cotidiana, envolvendo fantasia e aventura, que o romance conquistou os burgueses – era o mais significativo meio de expressão artística desse grupo social. Tratava-se da manifestação de acontecimentos comuns da vida das pessoas numa linguagem simples e direta. Enfim, literatura passou por mais uma de suas mutações a fim de corresponder a uma expectativa de sua época, isto é, se o público leitor é outro e com anseios novos, por que a literatura continuar a mesma? Há, então, uma questão de sintonia entre contexto histórico e produção literária; entre o sujeito e as exigências de seu tempo; entre as produções literárias e os meios para sua expansão.

Dominado o espírito burguês, surge a necessidade de expandir a literatura e torná-la ainda mais próxima de seu público. Para isso, roman-

ces eram publicados diariamente nos jornais, de modo que capítulos de determinada obra literária fossem divulgados pouco a pouco. O curioso é que, em vez de a nova tecnologia da época, o jornal, representar o atrativo para a literatura, era o texto literário o recurso para atrair leitores para o periódico. Assim, era comum encontrar um grupo embaixo de um lampião de rua, lendo o mesmo jornal com o novo capítulo de “O Guarani”, de José de Alencar. É a experiência da leitura silenciosa – ocular –, fragmentada em páginas, e tão comum hoje devido ao convívio com o objeto livro, mas que, em tempos remotos, seguia o curso da fala, configurado pelo próprio suporte dado à escrita: o pergaminho. Este, em forma de rolo, metaforizava a própria fala: um tão contínuo quanto o outro.

Em contrapartida, do século XIX ao XXI, a relação entre leitor e texto literário sofre uma mudança radical: se antes a literatura era o recurso para a popularização de um meio de comunicação inédito no país, agora a investida deve ser reversa: usar as novas e mais populares tecnologias do momento, a *internet* e a digitalização, para conquistar leitores que contribuam para a constante revitalização das obras literárias.

Essa tentativa confronta-se com um obstáculo gigantesco: cada vez mais o sujeito moderno tem pressa, falta-lhe tempo e, mesmo, paciência, enquanto as informações se multiplicam de modo muito veloz.

A interatividade proporcionada pela tecnologia é uma das questões mais exploradas, o que supõe um leitor de nível privilegiado em termos de conhecimento e criatividade. O perigo é que, em se tratando de um infoleitor, as possibilidades do hipertexto se percam. Nem mesmo a função de detetive lhe será adequada (VILLAÇA, 2002, p. 111).

Há predominante preferência pelo audiovisual, pelas redes sociais, sendo mais cômodo ouvir e ver do que despendar tempo para a leitura de um impresso, especialmente quando este lhe oferece um irônico obstáculo: o de parar e pensar (aplicar conhecimentos prévios e estratégias diversas de leitura). Mesmo para os interessados por textos literários, portar um livro tornou-se algo supérfluo e trabalhoso, pois se o seu conteúdo pode ser armazenado em um *pen-drive* ou cartão de memória do celular ou do *tablet* – não há por que deixar um livro na bolsa. Por que ter o incômodo de ir à biblioteca, se é possível realizar o *download* de um livro pela *internet*?

Diante disso, encerra-se mais uma questão em torno da leitura que não pode ser desconsiderada na relação impresso-digital: a interpretação sensorial e sua ligação aos aspectos externos do ato de ler, como as ilustrações, o formato do livro e o seu acabamento:

O leitor, ao entrar em contato com o livro, estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam: os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos ecoando os sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos do leitor são umedecidos na língua (MANGUEL, 1997, p. 277).

Afirmar que o livro impresso será plenamente substituído pelo digital não é o apropriado, pois os signos imagéticos e sonoros não desmerecem o texto escrito em sua essência, quando se tem em vista a sua intrínseca relação com a produção do conhecimento e sua própria sobrevivência na sociedade, também movimentada e dinamizada por aparelhos eletrônicos, inclusive, pela *internet*. Essa nova tecnologia – que já não é tão nova no assim – deve concretizar mais uma possibilidade de acesso à literatura, como fez o jornal em relação aos romances folhetinescos.

5. Escola, tecnologias digitais e literatura: há conexões?

Explorar a emoção e a expressividade do texto literário é um desafio diante da cultura da informação: “Se a arte de narrar é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio” (BENJAMIN, 1987, p. 203). A expansão da imprensa trouxe consigo pensamentos acerca do que se pode chamar hoje de “crise literária”. É possível se aventurar dizendo que nunca se leu tanto quanto atualmente, mas a questão central é o que se lê e como se lê:

[...] quase nada está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. [...] O extraordinário e o miraculoso são narrados com maior exatidão, mas o texto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (BENJAMIN, 1987, p. 203).

Em tempos em que a informação é a variante predominante, entende-se que o desafio para a formação de um público leitor vai além da formatação dada ao livro – se impresso ou digital. É preciso refletir sobre o que está sendo lido pelas crianças e adolescentes, bem como que tipo de leitura eles fazem – apenas decodifica palavras e frases ou apresenta um nível pleno de leitura. Não se trata de estipular referências consagradas conforme um gosto e uma exigência professoral.

É importante reverter esse quadro e estimular a leitura desde a infância, propiciando ao leitor-criança – leitor iniciante, ainda imaturo para as artimanhas da leitura –, uma comunhão entre o prazer, a identificação,

o interesse e a liberdade de interpretação. Afinal, o livro literário infantil se propõe a enriquecer interiormente a criança, para que, na desordem da vida moderna, ele não ofereça apenas fruição, mas um alimento que torne a vida mais significativa. Cabe, então, à família e à escola, a responsabilidade de transgredir os aspectos didáticos atribuídos à leitura para, desse modo, educar as crianças para o universo literário.

A esse cenário, agrega-se mais um elemento crucial: a prática pedagógica. Qual o modelo educacional adotado pelo processo de escolarização brasileiro? Como isso tem influenciado na formação de leitores e na compreensão dada ao ensino de literatura?

Durante longo período, a educação no Brasil seguiu parâmetros tradicionais e as práticas de ensino diretamente associadas à recepção e à reprodução de conteúdos que, infelizmente, ainda perduram. Nessa perspectiva, tudo que o aluno tem a fazer é submeter-se à fala do professor. Obsoleto, esse posicionamento pedagógico sofreu diferentes tentativas de tornar o conhecimento algo palpável pelos alunos, de forma que o professor se posicione como mediador da construção de sentido perante as informações recebidas pelos alunos:

O professor não é mais aquele que detém o conhecimento absoluto e dogmático (que não admite questionamentos), mas aquele que organiza a articulação entre o saber e o aluno. Nessa direção, o professor é alçado à condição de mediador, deixando de lado a postura de transmissor de conteúdo e, por conseguinte, assumindo o papel de orientador e de estimulador na construção social do conhecimento do aluno (SILVA, 2011, p. 1).

Tudo isso suscita uma visão reflexiva a respeito do ensino de literatura, diante da qual o professor precisa ter uma revisão de suas práticas. Atitude que, consequentemente, irá provocar a reflexão sobre até que ponto o texto literário tem sido realmente vivenciado pelos alunos e o quanto tem objetivado o desenvolvimento de competências que possibilitem a análise e a compreensão do artefato literário:

É certo que, embora circule nas aulas de literatura um discurso didático sobre o literário, quase sempre nelas o texto literário propriamente dito é pouco trabalhado e vivenciado pelos alunos. [...] Como resultado, os alunos também não se mostram competentes para analisar e interpretar textos literários nas múltiplas dimensões responsáveis pela construção de sentidos: recursos de expressão, estrutura, relações entre forma e conteúdo, aspectos do estilo pessoal, contextualização histórico-cultural, tradição literária etc. Tais resultados fazem supor que o ensino de literatura e a abordagem do texto literário não têm sido objetivo central nas aulas de literatura. [...] não tem alcançado plenamente nem mesmo esses dois objetivos essenciais a que se propõe – a formação de leitores competentes, de textos literários ou não literários, e a conso-

lidação de hábitos de leitura (CEREJA, 2005, p. 11-2).

Na era digital, há, portanto, duas inquietações em torno das práticas de ensino: o que e como ensinar. No que tange o ensino de literatura, essa preocupação se intensifica e deixa em evidência a urgência na reformulação das metodologias de ensino e na exploração das tecnologias digitais enquanto potencializadoras do conhecimento.

Há vários gêneros textuais a serem explorados no território escolar: a charge, as histórias em quadrinhos, revistas, tirinhas e jornais, entre tantos outros. Então, por que não incluir, nessa lista, as redes sociais digitais como *Facebook*, *MSN*, *Blogs*? Tradicionais ou contemporâneas, as tecnologias relacionam-se com os tradicionais gêneros textuais manuseados pelos alunos e, conforme o gerenciamento dado às leituras realizadas, atinge-se o patamar do conhecimento. Tanto no material impresso quanto no digital, o que há não é o conhecimento concluído, mas fios a serem entrelaçados pelo leitor para, enfim, formar uma teia consistente à qual é possível chamar de conhecimento.

Emerge, assim, um novo panorama de ensino, segundo o qual os protagonistas do processo ensino-aprendizagem assumem novos papéis sociais. Isso propicia a eclosão de novos recursos didáticos e de novas formas de aprender, na proporção em que trazem o conteúdo de uma forma inovadora. Um exemplo disso, é a produção e publicação de microcontos a partir do *twitter*, em que os estudantes ficam incumbidos de escrever breves narrativas literárias de até 140 caracteres. É possível também propor atividades de escritas aos alunos e publicar seus resultados em um *blog*.

Com esse tipo de trabalho, exercita-se a concisão textual e a estrutura narrativa, até mesmo o conceito de literatura, uma vez que é necessário fazer uma seleção de palavras para que se chegue a uma narrativa atraente e adequada ao gênero textual. Do mesmo modo, ao praticar a escrita de determinado gênero, o aluno também estará aprendendo como se dá o funcionamento interno de um texto, isto é, o amarrar de ideias e as pistas que todo texto oferece para ser desvendado.

Tomando essa atitude, a escola possibilita, ainda, a inclusão digital, que é uma proposta do Governo Federal. Segundo este, a falta de acesso às tecnologias digitais acaba por excluir socialmente o cidadão, principalmente quando se trata do jovem:

Com as rápidas transformações nos meios e nos modos de produção, a natureza do trabalho e a relação econômica entre as pessoas e as nações sofrerão

enormes transformações e, neste quadro, a educação não apenas tem que se adaptar às novas necessidades como, principalmente, tem que assumir um papel de ponta nesse processo (SEABRA, 2010, p. 25).

Fazendo uso das tecnologias digitais, o professor aproxima-se mais do universo do aluno, ao mesmo tempo em que lhe oferece um formato de ensino muito mais atrativo do que se costuma associar ao espaço escolar. Por esse caminho, abre-se a possibilidade – se não a certeza – de recuperar o público leitor de textos literários. Seria a literatura tomando uma moldura atrativa para seu leitor, pois, do mesmo modo que o objeto livro em outro tempo exalava atratividade e provocava sensações de prazer no leitor, agora o faz a *internet* e o suporte conhecido como *tablet*, que já pode ser considerado um descendente do livro. Cabe, por isso, a importância de ressaltar que “o ato de escrever tomou novos rumos na sociedade da informação, e o desafio do professor é trazer para dentro do ambiente escolar essas novas ferramentas para que o aluno entenda a importância de escrever ao se comunicar com o mundo” (SEABRA, 2010, p. 6).

A impressão de estar atualizado e a atração provocada pelas novas tecnologias se constituem aliadas na disseminação do conteúdo literário. Claro que isso irá acontecer ou não de acordo com seus mediadores – novamente aflora o papel formativo do professor.

Isso não significa que o professor deva lançar mão das novas tecnologias para fazer passar o tempo e subestimar os seus deveres enquanto educador. Ao professor, é necessário acompanhar a atual revolução tecnológica, diante da qual a concepção de ensino já não pode ser a mesma que predominou até o século passado, e estabelecer conexões entre as tecnologias digitais, a escola, a literatura e o aluno.

6. Considerações finais

O professor deve apresentar domínio e visão crítica das novas mídias, fazendo com que as relações e práticas pedagógicas sejam concretamente beneficiadas: não há espaço para preconceitos, nem temores diante do novo. As perspectivas em torno da formação de leitores por meio das tecnologias digitais são bastante divergentes. Se, por um lado, há aqueles que vislumbram literatura que nasça e/ou se propague a partir do ciberespaço, há outros que não enxergam essa possibilidade, alegando que aquele que busca literatura no suporte digital já é o mesmo que desfruta do livro impresso.

Então, que expectativas adotar em relação à formação de um público leitor a partir das tecnologias digitais? À medida que a escola faz a utilização e a exploração de textos literários em suportes impressos e digitais, estará também garantindo a sua abrangência e potencializando a formação de leitores. Nesse caso, é fundamental que haja uma explanação intencional e detalhada de gêneros textuais para que se ofereça leitura e instrumentalização aos possíveis leitores.

Dessa inquietação, origina-se um aspecto crucial: as tecnologias podem auxiliar no processo ensino-aprendizagem e, até mesmo, na expansão literária, conforme a postura assumida pelo professor.

Trabalhar a relação entre literatura e mundo digital exige uma nova compreensão a respeito das práticas de ensino, correspondendo a uma orientação, a um desafio. Na tela, o texto promove um novo modo de ler:

Com o hipertexto e as múltiplas janelas das telas, a operação se torna fácil e provoca um novo modo de ler. O prototexto se torna parte integrante do texto, que surge assim mais como um processo em curso de elaboração do que como uma obra definitiva. De resto, as novas capacidades de armazenamento modificam o estatuto da nota de pé de página e das referências cruzadas. Não há mais necessidade de buscar o texto citado pelo autor (CLÉMENT, 2003, p. 32).

Visa-se, por isso, à autonomia do aluno para que este seja capaz de realizar uma investigação que culmine em uma conclusão reflexiva e consciente, de modo que a habilidade de pensar criticamente seja exercida não no hipotético, mas no cotidiano.

A literatura é um dos meios pelos quais o sujeito alcança essa possibilidade de refletir sobre a realidade e confrontá-la com o seu próprio interior e, por esse mecanismo, filtrar suas próprias interpretações sobre o que vive. Para alcançar esse nível de apreensão do texto literário, é necessário que o professor possibilite ao aluno circunstâncias que o façam compreender o funcionamento do texto literário e seus mecanismos linguísticos, percebendo o quanto é fundamental gerenciar as informações que a rede dispõe, localizar materiais literários e descobrir o gosto pela leitura.

Encerra-se, assim, o conceito de aluno enquanto ser passivo e submetido ao professor e ao conhecimento instituído. Nada é estático para a sociedade informatizada. Várias são as transformações culturais e tecnológicas que exigem do professor uma completa reformulação de valores e atitudes como educador, o que inclui a observação crítica do ciberespaço para, assim, compreender e interagir com os mecanismos que

tem movido toda uma geração alunos que já nasceram mergulhados numa cultura cingida pela virtualidade e desprendida das lapidações que a literatura proporciona ao homem. Ao contexto escolar, resta o compromisso com a formação de leitores, assumindo uma perspectiva otimista perante a ascensão das tecnologias digitais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. *Formação de leitores e razões para a literatura*. In: Souza, Renata Junqueira. (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

BABO, Maria Augusta. *O hipertexto como nova forma de escrita*. In: SÜSSEKIND, Flora. (Org.). *Historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2013.

CAPPARELLI, Sérgio. *33 ciberpoemas e uma fábula virtual*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

CARR, Nicholas. *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CEREJA, Willian Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. *A ordem dos livros*. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

CLÉMENT, Jean. Do livro ao texto: As implicações intelectuais da edição eletrônica. In: SÜSSEKINO, F. (Org.). *Historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2003.

GIL, G. 2005. *Pela Internet*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/gilberto-gil>>. Acesso em: 29-10-2013.

MANGUEL, Alberto. *Uma história de leitura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

SEABRA, Carlos. *Tecnologias na escola*. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da literatura*. São Paulo: Ática,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

2000.

VILLAÇA, Nízia. *Impresso ou eletrônico: um trajeto de leitura*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

ZILBERMAN, Regina. *Fim dos livros, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.